

'Metas do FMI limitam oferta de empregos'

Se o Brasil seguir as metas fixadas nas cartas de intenções entregues ao FMI, nos próximos três anos serão gerados apenas 160 mil empregos novos por ano, quando o País precisa de pelo menos 1,4 milhão. Esta opinião foi manifestada ontem no Rio pelo presidente da Companhia Internacional de Engenharia e ex-presidente do Jari, Sérgio Quintella, ao comentar o atual quadro de recessão do País, agravado, segundo ele, pelos desacertos da política econômica, principalmente quanto à forma como está sendo conduzida a negociação da dívida externa brasileira.

"O Brasil está atrelado a um sistema de pagamento da sua dívida em função de taxas de juros sobre as quais ele não tem nenhuma possibilidade de exercer controle ou influência. A política norte-americana de déficits públicos muito grandes, por exemplo, superior a US\$ 200 bilhões, está fazendo com que a inflação nos Estados Unidos chegue a 4% e 4,5% ao ano, com taxas de juros subindo para 11,5% na chamada **prime rate**, como ocorreu anteontem. Desta forma, na realidade estamos pagando uma taxa de juros de pelo menos 8 a 9 pontos acima da inflação norte-americana" — disse Quintella.

Segundo o empresário, é preciso lembrar também que cada 1% de acréscimo da taxa de juros norte-americana representa para o Brasil uma carga adicional de US\$ 700 a US\$ 800 milhões por ano. Na sua opinião, isso mostra que, com o quadro atual de dificuldades de exportação e de violenta contração das importações, o País está perdendo sua capacidade de competir no mercado internacional.

Sobre o novo leilão para recompra de ORTN com correção cambial promovido pelo Banco Central, Sérgio Quintella disse que o que está sendo feito é uma tentativa de retirar os títulos governamentais com indexação de dólares do mercado, porque isso tem criado inibições ao BC na política monetária.